

ENTREVISTANDO

TIZUKO MORCHIDA KHISHIMOTO

Verônica VIANA¹

Numa especial homenagem aos nossos leitores e leitoras neste ano de comemoração dos 10 anos da Brinquedoteca da Faculdade de Educação da PUC Campinas, vimos como uma grande contribuição a entrevista com aquela que tem sido nossa referência das mais importantes!

Verônica Viana: *Bem sabemos que desde a década de 80 Tizuko Khishimoto desenvolve estudos e pesquisas sobre jogos e brincadeiras. Assim gostaríamos que contasse um pouco da sua trajetória, no sentido de sabermos como chegou a este objeto de estudo tão importante para nós educadores?*

Tizuko Morchida Khishimoto: Tudo começou com os estudos para a minha dissertação de Mestrado em 1972. Já ali estava presente meu interesse pelo tema. Encontrei as pesquisas de Bruner, que nos anos de 1970 já havia realizado algumas experiências com macacos e nelas constatara que aqueles que brincavam apresentavam maior flexibilidade. Bruner ampliou suas pesquisas para os humanos, acrescentando o jogo simbólico.

Em 1982, como pesquisadora da Educação Infantil, fiquei surpresa ao investigar no Doutorado a falta de referenciais sobre o brincar. Nessa ocasião, conheci Alice Meireles Reis, que mantinha diversas fotos de crianças que brincavam e aprendiam no Jardim de Infância da Caetano de Campos. Alice me falou que só daria aquelas fotos para uma Universidade que se propusesse a criar um museu sobre o brinquedo. Aquilo se tornou um desafio para mim e este foi o nosso primeiro acervo, que deu origem ao que hoje é o Museu da Educação e do Brinquedo que mantemos na USP.

Paralelamente, estávamos no processo de organização da brinquedoteca, que se iniciou em 1984, quando o governo estadual decidiu implantar seis brinquedotecas no estado de São Paulo e eu lutei para que uma delas fosse em nossa Universidade. A proposta

⁽¹⁾ Docente da FE - PUC-Campinas. Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas/SP. Mestre em Educação pela FE/Unicamp, 2003. Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa Sudoeste da Secretaria Municipal de Educação Campinas/SP.
veronica_viana@ig.com.br



Entrevista

era de constituir um espaço de formação para estudantes da Faculdade e professores interessados.

No começo eram 250 (duzentos e cinqüenta) brinquedos e uma estante, funcionando numa sala emprestada. Após quatro anos, conseguimos ampliar o nosso acervo, garantir uma sala própria e um funcionário, o que possibilitou a ampliação do trabalho, abrindo para a comunidade com a frequência de crianças e empréstimo de brinquedos. Ali a Universidade pode exercer suas três funções: pesquisa, ensino e extensão.

Tenho a compreensão da importância deste espaço, enquanto espaço formativo para os profissionais, mas acredito que não basta que cada escola tenha uma sala com uma brinquedoteca. Minha defesa é para que todas as salas das Escolas de Educação Infantil tenham o espaço do brincar garantido na sua organização, na sua dinâmica e no seu cotidiano.

Em resumo, penso que minha trajetória é decorrente do meu processo histórico na Universidade, natural a uma pessoa que se interessa pelo trabalho com crianças pequenas e não há como entender educação dessas crianças sem passar pelo brincar e pelo jogo. Isso hoje é fato já comprovado pelas pesquisas na área.

V.V.: *Gostaríamos de saber que pesquisa está desenvolvendo no presente momento?*

Tizuko: No momento estou desenvolvendo uma pesquisa sobre Contextos Integrados em Educação Infantil. Este trabalho é realizado em rede e envolve 15 Centros de Pesquisa no Brasil, com a assessoria de Portugal e Inglaterra. A idéia básica da pesquisa está em que só se consegue fazer formação de qualidade quando se envolve a equipe da escola, a comunidade na qual está inserida e as Instituições mantenedoras em uma proposta coletiva, quando todos são protagonistas nesse processo de formação. Ao aliar a formação no locus da unidade infantil à pesquisa, em processos de intervenção, surgem inovações. A rede de cooperação que envolve a universidade, a escola infantil, a equipe de professores e gestores, as crianças, suas famílias

e a comunidade auxilia a definição de projetos que têm como foco a qualidade do trabalho com as crianças pequenas.

V.V: *Gostaríamos de saber como vê a possibilidade de avançarmos na formação dos profissionais para a questão dos jogos e das brincadeiras, com um aprofundamento maior do que a sua importância pedagógica e prática? Ou seja, é possível um esclarecimento maior acerca da dimensão cultural?*

Tizuko: Acredito que a formação está avançando. Hoje, o brincar é um tema central na Pedagogia da infância, esse fato já acarreta uma mudança importante no processo de formação inicial e continuada dos educadores. Penso que o brincar não pode ser visto como um mero instrumento pedagógico de aquisição de conteúdos. Ele tem que ser um instrumento de expressão de interesses, valores e cultura. Pelo brincar a criança aprende regras, aprende a falar. Nas brincadeiras de faz-de-conta as crianças fazem narrativas, assumindo papéis e interagindo com objetos e parceiros. Nesse processo reorganiza a cultura do adulto para expressar a cultura infantil.

V.V: *Vimos com pesar que cada vez mais as crianças deixam de lado brincadeiras importantes para ficarem jogando games e vendo televisão. Como podemos trabalhar com esta questão?*

Tizuko: A sociedade muda em decorrência dos avanços da ciência e da tecnologia. Mudam-se os meios de comunicação. A escrita a lápis está sendo substituída pela escrita no computador, que é apenas mais um meio de comunicação. Não se podem marginalizar os novos recursos em detrimento dos antigos, com o risco de excluir a criança do seu contexto. É preciso escolher e equilibrar as ações, pois a educação implica em escolha de valores e, na escola, temos que dizer qual é a educação que propomos e para qual criança. Quando solicitamos aos pais que colaborem na educação dos seus filhos, lembrando as brincadeiras de infância, contando histórias de seu tempo, brincando e ensinando brincadeiras, transformando as crianças em

narradores, que fazem suas autobiografias, enfim, auxiliando a registrar o percurso de desenvolvimento da criança, estamos explicitando o tipo de educação que privilegiamos.

V.V: *Sabemos que a cultura da infância implica em brincar e jogar, e as condições de vida das crianças, muitas vezes, dificultam este processo. Como trabalhar para que isso não afete a singularidade e subjetividade das crianças?*

Tizuko: Não é a pobreza que impede as crianças de brincar, elas brincam independente disso. Um dado importante a registrar é que o brincar envolve materiais diversos, não apenas os industrializados. A cultura infantil é a forma como a criança se apropria do mundo adulto e independe de classe econômica; depende mais da liberdade para expressar a sua cultura. Mas, na hora em que se monta uma escola, se ela tem uma organização reprodutivista, mata-se a cultura infantil. Portanto, a possibilidade da criança expressar sua singularidade e subjetividade está

diretamente relacionada com a nossa concepção de criança e de infância.

V.V: *Que pistas daria aos educadores para uma militância cotidiana em favor do direito de brincar?*

Tizuko: Primeiro os educadores precisam descobrir o significado do brincar, só quem brincou brinca e é sensível ao brincar. Só esse sujeito consegue criar espaços para o brincar do outro. O educador precisa brincar para entender o seu significado e compreender a potencialidade da expressão. Para valorizar o brincar é preciso vivenciar aquilo que eu quero que os alunos vivenciem. É importante fortalecer a prática de atos de significação, de atos simbólicos, que se manifestam no brincar e no falar. Valorizar a criança é dar voz a ela, ouvir e fazer registros (sonoros, visuais e escritos) sobre o que ela faz nas brincadeiras; fazer portfólio de cada aluno com as suas produções, dar autoria para pais, professores e alunos.

E, acima de tudo, estar aberto a conhecer, aberto ao novo, aberto a tentar.